

Estelionato romântico

Margareth Zanardini

Dia dos Namorados. Dezenas de comerciais inundam toda a imprensa. Mensagens são publicadas pelos classificados. Exalta-se o amor. O romantismo. Todos lembram da necessidade premente e humana de companhia, afeto, carinho.

Todos os anos vejo tudo isso de forma tripartida: a poetisa se esforça por acreditar; a jornalista, curiosa e crítica, aguarda eventuais novidades de comportamentos pitorescos; a advogada, cética e positivista tipifica e enquadra as condutas a título de "estelionato romântico".

Sim, porque se estelionato é a conduta na qual se "obtem vantagem induzindo ou mantendo alguém em erro mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento", não é realismo demasiado concluir-se como tal determinadas ocorrências só presenciáveis neste dia.

De repente todos se transformam em seres absolutamente capazes de amar, sem necessidade de ocultar tal aptidão. Apenas por um dia (lamentavelmente) a linguagem se "sofritiza" (para utilizarmos

um termo da moda). Nada dos termos chulos, degradantes e agressivos que os outros 364 dias nos impõem. Centenas de rosas transitam em arrumados buquês. Litros e mais litros de perfumes são transportados em elaborados pacotes. Presentes de todos os tipos. Os mais criativos enviam coisas difíceis de guardar! Cartões e telefonemas com palavras que nem sempre expressam a verdade. Mas o destinatário se delicia... Não se fala em outra coisa nos diálogos de todas as classes sociais.

Hora ideal do perdão àquele egocêntri-

co (ou pseudo-humanista) que superestima apenas seus anseios. Também aos que imolam o amor perene em troca do fogo fátuo da vaidade.

O silêncio e a omissão hoje são mais sentidos porque prenunciadores patentes de indiferença. Companheiros de longa data relembram o idílio inicial.

E onde está a indução em erro? O engodo? A vantagem ilícita? O prejuízo, enfim?

Ora, o mundo parece ter sido aliado da capacidade de externar sentimentos platô-

nicos. Observe-se as notícias. Atente-se para o tipo de "divertimento" dos jovens. A ecologia é exaltada mas a "humanologia" esquecida. O palavreado grotesco é

aceito por todos como normalidade destituída de ofensa. De repente, pelo virar de um noite, induz-se, erradamente, que o amor reina, soberano, com um manto rubro de corações palpítantes e uma coroa de brilhantes olhos. Engôdo que aflora e se consuma quando dia 13 chega. A vantagem é ilícita porque efêmera e o prejuízo é comunitário porque teremos de espe-

rar mais um ano para contemplar isso tudo novamente, espaço no qual o vazio materialista tramita qual lento e arrastado processo.

A otimista nata, porém, reage ao Dia dos Namorados com uma poesia sorridente, um artigo bem humorado que tudo relata e culmina com uma sentença que a todos absolve. Afinal, existe no calendário este momento de ternura. Ainda que breve. Ainda que falso. Que bom sermos todos vítimas deste estelionato!

(Margareth Zanardini, advogada, jornalista)